

Emoji: uma nova-velha forma de comunicação por imagens

Emoji: a new-old way of communication by images

Jeferson BERTOLINI¹

Resumo

Este artigo trata dos emojis, ícones que reformulam a comunicação escrita no ambiente digital e que reordenam nossa maneira de ler, de interpretar e de pensar o mundo. O texto pensa os emojis no âmbito da comunicação humana. Aborda, para tanto, temas como pinturas rupestres, escrita, texto, internet e signos. O objetivo do manuscrito é fazer refletir sobre esta forma emergente de comunicação, comumente usada em dispositivos móveis. O artigo se baseia em levantamento bibliográfico. Usa técnica interdisciplinar para associar temas da Comunicação, História, Linguística e Psicologia. Conclui que os emojis se encaixam em definições clássicas de comunicação; que unem a habilidade humana para se comunicar por meio de desenhos com o ambiente tecnológico contemporâneo; e que disso resulta uma nova-velha forma de comunicação.

Palavras-chave: Comunicação. Emoji. Texto. Imagem. Pensamento.

Abstract

This article talks about emojis, icons that reformulate communication written on mobile devices and that reorder our way of reading, interpreting and thinking the world. The text thinks emoji in the context of human communication. It covers topics such as cave paintings, writing, text, the internet, icons and signs. The purpose of the manuscript is to reflect on this emerging form of communication. The article is based on a bibliographical survey. It concludes that emoji fit into classical definitions of communication; that the emoji unite the human ability to communicate by drawings with the contemporary technological environment; and that the emoji lead to a new-old form of communication.

Key-words: Human communication. Emoji. Text. Image. Thought.

Introdução

Em fevereiro de 2018, arqueólogos da Universidade de Southampton, na Inglaterra, anunciaram a descoberta de pinturas rupestres feitas há 64 mil anos, as mais

¹ Pós-doutorando em Jornalismo (UEPG). Doutor em Ciências Humanas (UFSC).
E-mail: jefersonbertolini@gmail.com

antigas já encontradas no mundo. Nas paredes de três cavernas da Espanha, eles identificaram representações de animais, figuras humanas e impressões de mãos. Os desenhos foram feitos por neandertais, espécie não-humana extinta há 40 mil anos.

A descoberta publicada na revista *Science Advances* mostra que o uso de imagens para transmitir ideias e sentimentos antecede à espécie humana. Visto assim, não é difícil entender porque até hoje, mesmo com o desenvolvimento das formas orais e escritas de comunicação, a humanidade se vale de imagens para se comunicar.

Atualmente, quando os rabiscos em paredes de caverna remetem a uma era longínqua e são considerados tesouros arqueológicos, os emojis se firmam como as imagens mais usuais para transmitir ideias e sentimentos.

Emoji é uma espécie de ícone disponível em quase todos os modelos de celulares, tablets e computadores. Servem para comunicar algo rápido. Trocam letras por imagens. Agilizam uma comunicação já acelerada por internet, dispositivos móveis e aplicativos de mensagem. Refletem na nossa maneira de ler, de interpretar e de pensar o mundo.

Neste contexto, algumas perguntas que surgem são: os emojis são uma espécie de volta às origens da comunicação (apesar dos avanços na oralidade e escrita)? Ou são uma nova forma de comunicação (que quase subverte o alfabeto e suprime a comunicação oral e o texto)?

Este artigo pensa os emojis no contexto da comunicação humana. O objetivo é fazer refletir sobre esta forma emergente de comunicação, que influi na nossa forma de escrever e de ler e, aparentemente, também impacta na nossa maneira de pensar o ambiente em que vivemos.

O manuscrito se baseia em levantamento bibliográfico. Está dividido em cinco capítulos. O primeiro aborda a comunicação humana, conceitualmente. O segundo, a escrita. O terceiro, o texto. O quarto, a internet, o ambiente dos emojis. O quinto fala dos emojis, na perspectiva dos desenhos, ícones e signos.

O texto associa temas da Comunicação, da História, da Linguística e da Psicologia por meio de técnica interdisciplinar, usada “sempre que topamos com uma nova disciplina cujo lugar não está traçado no grande mapa dos saberes” (POMBO, 2007, p. 6).

A comunicação: processo evolutivo e conceitos

A origem da comunicação humana é incerta. No entanto, historiadores e paleontólogos costumam concordar que um marco razoável se deu com o homem de Cro-magnon, que habitou a Terra entre 40 mil e 10 mil anos atrás.

Entre todos da cadeia evolutiva², o homem de Cro-magnon é o que atingiu as características físicas mais parecidas com as do homem moderno, sobretudo nos aparelhos usados para articular as palavras, como os formatos do crânio, da boca e da laringe. Essas características contribuíram para o homem transformar sons típicos de animais, como urros e roncões, em um sistema que tempos depois tornou-se inteligível e fundamentou à nossa comunicação atual.

Laignier (2009, p. 10) diz que “não é possível afirmar com exatidão quando a comunicação proto-humana³ teve seu início” porque a pré-história foi “um período em que os fatos e os acontecimentos dos grupamentos proto-humanos não eram registrados por não existir a intenção de deixá-los à posteridade devido à falta de linguagem desenvolvida”.

Defleur e Ball-Rokeach (1993, p, 26) dizem que “as primeiras formas humanas se comunicavam através de um número limitado de sons que eram fisicamente capazes de produzir”, como rosnados, roncões e guinchos, além da linguagem corporal, provavelmente incluindo gestos com mãos ou braços.

O homem de Cro-magnon dominava a caça, vivia em grupos e desenhava nas paredes de cavernas. Os grunhidos de sua época, usados possivelmente em situações de perigo, alimentação e procriação, culminaram em um sistema oral mais avançado que, com o tempo, ampliou a capacidade de pensamento. E isso foi determinante para o desenvolvimento das sociedades seguintes.

A oralidade trouxe novas possibilidades aos proto-humanos. Em primeiro lugar, os sistemas de pensamento evoluem com a linguagem

² Os primatas encabeçam a lista, com surgimento estimado há 70 milhões de anos. Depois vieram os hominóides, os hominídeos, o *homo habilis*, o *homo erectus*, o homem de neandertal e o *homo sapiens* (ou Cro-Magnon)

³ O prefixo *proto* significa que o ser referido tinha algumas, e não todas as características dos humanos

falada. A mesma codificação que torna sons socialmente identificáveis permite também que o pensamento se complexifique. Ou seja, o ser humano interioriza a linguagem social, de forma a tornar o pensamento uma espécie de conversa interior. Os mesmos dispositivos usados em uma conversação com outras pessoas serão usados pelo indivíduo em uma conversação consigo próprio (LAIGNIER, 2009, p. 11).

Bordenave (1983) acrescenta que a comunicação ampliou a capacidade humana de se relacionar com os outros, instituir líderes e vigiá-los. “A comunicação é um processo natural, um sistema. Ela pode ser instrumento de legitimação de estruturas sociais e de governos, como também a força que os contesta e os transforma (BORDENAVE, 1983, p. 119).

Ao longo da história, a comunicação se firmou como o processo de transmitir ideias entre dois ou mais indivíduos. Trata-se de um ato fundamental e vital aos seres humanos. Fundamental porque “toda sociedade humana, da primitiva à moderna, baseia-se na capacidade do homem de transmitir suas intenções, desejos, sentimentos, conhecimento e experiências”. Vital porque “a habilidade para se comunicar aumenta as chances de sobrevivência, enquanto sua ausência é considerada uma doença” (WRIGHT, 1968, p. 13).

Em geral, a comunicação implica um emissor, um canal, uma mensagem, uma relação entre o emissor e o receptor, um efeito, um contexto em que se produz a comunicação e uma gama de coisas que se referem às mensagens. Às vezes, existe uma intenção ou um propósito de comunicar ou receber. “A comunicação pode ser qualquer uma das seguintes coisas ou todas elas: uma ação sobre os outros; uma interação com os outros; uma reação aos outros” (MCQUAIL; WINDAHL, 1997, p. 33).

Outros conceitos clássicos de comunicação reunidos por McQuail e Windahl (1997) são: “Transmissão de informação, ideias, atitudes ou emoção de uma pessoa ou um grupo a outro (ou outros) primariamente através de símbolos” (THEODORSON & THEODORSON, 1969); “Existe comunicação onde um sistema, uma fonte influi sobre o outro (o destinatário) mediante a manipulação de símbolos alternativos que podem ser transmitidos através de um canal que os conecta” (OSGOOD & COLS, 1957); “A comunicação pode ser definida como a interação social por meio de mensagens” (GERBER, 1967).

Netto (1972, p. 20) também reúne conceitos clássicos sobre comunicação: “A comunicação não se refere somente à transmissão verbal, explícita e intencional de mensagens. O conceito de comunicação inclui todos esses processos por meio dos quais as pessoas influenciam as outras pessoas” (RUESCH; BATESSON, 1965); “Transmissão de informações, ideias, emoções e habilidades por meio do uso de símbolos, como palavras, imagens, figuras, gráficos” (BERELSON; STEINER, 1964); “Provocação de significados comuns, com suas reações resultantes, entre comunicador e interprete, por meio do uso de signos e símbolos” (FEARING, 1963); “Processo pelo qual um indivíduo (o comunicador) transmite estímulos (geralmente verbais) a fim de modificar o comportamento de outros indivíduos (a audiência)” (HOVLAND; JANIS; KELLEY, 1963).

A escrita: registro evoluído e duradouro do pensamento

A origem da escrita divide a opinião de especialistas, em uma variação de tempo que pode atingir 2 mil anos (o conceito do que é escrita, e se ela tem de ser um registro organizado ou basta ser um registro é o principal ponto de divergência). De modo geral, são bem aceitas as convicções de Walker (1996), para quem a escrita surgiu no Oriente Médio, onde atualmente está o Iraque, por volta de 4000 a.C.

Ao contrário do sugere a lógica, a escrita não foi pensada para ajudar na consolidação da comunicação oral, no sentido de registrar pensamentos e atitudes. Nasceu de uma necessidade econômica, de documentar as atividades comerciais da época, baseadas na troca de cereais, carneiros e bois. Surgiu daí a ideia de criar símbolos, batizados de pictografias, pelos quais um círculo poderia ser o sol, por exemplo.

Nesta época, não havia um padrão de escrita entre os sumérios, a quem os livros creditam os primeiros escritos, tampouco entre os egípcios e fenícios, que também desenvolveram um sistema independente de marcações.

Quando o homem começou a escrever pela primeira vez, ele o fez não com pena e tinta sobre papel, mas riscando sinais na argila úmida com um bastão pontiagudo ou um pedaço de junco (...). As inscrições dessas primeiras tabuinhas consistem em registros econômicos

sucintos ou listas de sinais para a instrução dos aprendizes de escribas. Os sinais, em sua maioria, são pictográficos: o sinal relativo a um boi assemelha-se à cabeça de um animal, e o que designa cevada parece-se com um grão desse cereal (WALKER, 1996, p. 21-25).

O passo seguinte foi a invenção do alfabeto, que se deu entre o segundo e primeiro milênios a.C. (HEALEY, 1996). Conforme o autor, o primeiro avanço significativo nesse processo foi o alfabeto consonantal, que atribui a uma escola de escribas na Fenícia, Palestina ou Síria. O segundo foi a adição de vogais, façanha dos gregos.

Esses desenvolvimentos trouxeram enormes benefícios para a humanidade. Ainda hoje usamos uma forma evoluída da mesma tradição alfabética (...). Pode-se dizer que a grande contribuição do desenvolvimento do alfabeto residiu no fato de sua simplicidade ter sido o primeiro e mais fundamental pré-requisito para a alfabetização universal. A partir do momento em que o alfabeto se tornou conhecido, qualquer pessoa podia ler e escrever (HEALEY, 1996, p. 313).

Bottéro (1990) também assinala que a escrita foi fundamental para o desenvolvimento da humanidade, sobretudo por perpetuar o conhecimento e acabar com a frugalidade das palavras ditas. A escrita revolucionou a comunicação entre os homens e a qualidade de suas mensagens.

O discurso oral implica a presença simultânea, no tempo e lugar, da boca que fala e dos ouvidos que ouvem. Não é feito para durar mais que essa fugaz confrontação; por isso não pode ser retido com facilidade, apesar de breve na maioria das vezes. Embora minucioso e analítico, ele agarra, captura, mais do que deixa, no espírito dos seus receptores, conhecimento otimizado, lúcido e construído com força. Já o discurso escrito transcende o espaço e a duração: uma vez fixada, pode ser difundido por inteiro em todos os lugares e tempos, em toda parte onde encontrar alguém disposto a lê-lo (BOTTÉRO, 1990, p. 20-21).

Morrison (1990) acrescenta que a escrita influenciou o pensamento grego, sendo fundamental no desenvolvimento e organização da modernidade. “A tecnologia escrita propiciou uma profunda transformação nas categorias gregas de pensamento, isto

é, de um modo de pensamento mítico, fundamentado na oralidade, para um modo lógico-empírico, com base na escrita” (MORRISON, 1990, p. 165).

O texto: resultado da evolução da escrita

O desenvolvimento da escrita também permitiu a organização do texto, que passou de um amontoado de frases sem fim ao formato parecido com o que conhecemos hoje, com tópicos resumidores no topo (o princípio dos títulos), capítulos, parágrafos e layout. Tal processo materializou o pensamento, tornando a palavra um elemento visível, legível e apresentável.

No mundo moderno, admitimos sem discutir que existe não só uma relação entre a escrita, o conhecimento e a organização textual, mas também entre as palavras e as ideias do texto e a forma ou estrutura em que são apresentadas ou tratadas. Na verdade, a institucionalização da cultura moderna, com sua afinidade com o escrito, é condensada pela apresentação sistemática do conhecimento, à medida que este avança da introdução à conclusão, sob o formato específico do livro. É de acordo com essas convenções que normalmente dividimos o texto em unidades como a página, o parágrafo e o capítulo; os títulos corridos e o parágrafo em linha coerente elevam o desenvolvimento da argumentação (MORRISON, 1990, p. 173).

A organização do texto apresentou avanços a partir da Grécia Antiga, se consolidando séculos mais tarde, e foi determinante para fundamentar o pensamento crítico e filosófico. Assim, nota-se um claro avanço entre Platão e seu discípulo, Aristóteles.

As obras aristotélicas diferem fundamentalmente das platônicas na medida em que os temas de Platão, embora também constituam um sistema, foram organizados principalmente em torno de textos orais, cujo conteúdo e sentido ficam explícitos devido a seus temas metafísicos. Em contraste com Platão, Aristóteles procurou dispor o pensamento com o que havia concebido como um conjunto divisível de entidades, o todo em categorias, cuja forma de explicação era, por sua vez, sujeita à classificação (MORRISON, 1990, p. 176).

Havelok (1973) acrescenta que a escrita de forma mais organizada contribuiu para deixar a mente humana livre para pensar, desenvolvendo pensamento e sociedades.

Na passagem do século V ao IV, o grande efeito da revolução alfabética começou a se impor na Grécia. A palavra predominante deixou de ser uma vibração captada pelo ouvido e armazenada na memória. Ela se tornou um artefato visível. O armazenamento de informações para uso posterior, como fórmula destinada a explicar a dinâmica da cultura ocidental, deixa de ser uma metáfora. A declaração documentada, que permanece imutável através dos tempos, libertou o cérebro de certos fardos da memorização, ao mesmo tempo em que incrementou as energias disponíveis ao pensamento conceitual. Os resultados, como podem ser observados na história intelectual da Grécia e da Europa, foram profundos (HAVELOK, 1973, p. 60, apud Morrison, 1990, p. 165).

Há certa divergência acerca do surgimento do texto escrito. De um lado, estão os que defendem que o início se deu no século VII a.C., de uma língua escrita definida, oriunda do alfabeto grego, em 750 a.C.. Do outro, estão os que defendem que o início se deu no século V a.C., no conceito de organização social, não só linguístico.

Os estudiosos do tema concordam que os primeiros textos foram escritos em papiros, que inicialmente apresentavam-se como um rolo de 20 cm de altura e comprimento variável, sobre o qual escrevia-se o texto com um pauzinho de junco, molhado em uma água com goma e negro de fumo (FABRE, 1988). O papiro foi a primeira forma de livro.

O aperfeiçoamento da escrita e a evolução da fala tornaram o homem civilizado, e deu a ele a condição de viver em sociedade. “A capacidade humana de gerar símbolos comunitariamente reconhecidos foi a alavanca que neutralizou a barbárie, dando passagem à civilização. Os humanos substituíram a força da violência pelo poder do argumento” (MELO, 2003, p. 14).

A internet: ambiente usual da escrita contemporânea

A internet acelerou a comunicação humana. Inseriu no mesmo ambiente as formas orais e escritas. É também o ambiente dos emojis!

A história da internet em muito se deve à computação, que se desenvolveu a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por causa das máquinas Enigma e Colossus, criadas para decifrar as mensagens de Aliados (China, França, Grã-Bretanha, União Soviética e EUA) e potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). “A história da computação está marcada por interrupções repentinas, mudanças imprevistas, tornando-se difícil a visão da evolução dos computadores mediante uma mera enumeração linear de invenções-nomes-datas” (FILHO, 2007, p.13).

A computação, por sua vez, foi determinante para o surgimento dos computadores. Logo que deixaram de ser consideradas máquinas de calcular ou úteis acessórios de escritórios, nos anos 1970, “os computadores passaram a fazer com que todos os tipos de serviços, e não somente os de comunicações, tomassem novas formas” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 273).

A popularização dos computadores é considerada por cientistas culturais o fato mais significativo para o desenvolvimento da comunicação e do ser humano desde a descoberta dos tipos móveis de Gutenberg, em 1456. A importância desses dois marcos reside no fato de que, a partir deles, todo o comportamento humano se modificou.

Os computadores não teriam a importância que têm hoje se não fosse pela internet. A rede que resgata a comunicação por símbolos imagéticos surgiu nos anos 1960, quando a Agência de Pesquisa e Projetos Avançados (Arpa, da sigla em inglês) do governo norte-americano criou uma rede nacional de computadores, a Arpanet, para a comunicação interna em caso de ataques armados. A arpanet se valeu de inventos históricos, como o sistema binário, em 1605 (codificava letras do alfabeto em sequências de dígitos); o telégrafo elétrico, em 1837 (o aparelho baseava-se em um sistema de transmissão de mensagens entre dois pontos por ondas de rádio ou fios elétricos); e o sistema de pacotes, nos anos 1960 (pelo qual uma mensagem, que pode ser vídeo, foto ou texto, é partida em vários pedaços para ir de um ponto a outro).

Briggs e Burke (2006) lembram que a internet só saiu dos ambientes militares e científicos e atingiu as proporções astronômicas de hoje porque atraiu o interesse comercial.

O valor da net fora das universidades e das unidades militares dependia da ampliação da consciência de suas possibilidades comerciais. O primeiro provedor de serviços comerciais online, o

CompuServe, começou a operar em 1979, no início servindo ao que foi chamado de um clube privado, em parte propriedade do grupo Time/Warner. Seguiu-se um rival de peso, a American Online, ligadas a grupos alemães e franceses. Também houve um terceiro, o Prodigy. Assim, é possível traçar, pelo menos em retrospecto, o que parece ser uma sequência lógica na complexa história da internet, tal como aconteceu com vários ramos da história das comunicações: uma nova fase se abriu quando a net atraiu interesses comerciais (BRIGGS & BURKE, 2006, p. 302).

O encontro dos computadores com a internet fez surgir um ambiente novo: o ciberespaço. “Ciberespaço é um espaço informacional no qual os dados são configurados de tal modo que o usuário pode acessar e trocar informação com um incontável número de outros usuários” (SANTAELLA, 2004, p. 45). “O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico” (LÉVY, 1996, p. 34).

Os emojis: forma emergente de desenhos e signos

Os emojis são ícones usados em aparelhos comunicacionais do ambiente digital para expressar sentimentos, ideias e informações.

A palavra emoji surgiu no Japão nos anos 1990. Junta “e” de imagem e “mogi” de personagem. No início, se referia apenas a formatos de corações. Depois, também foram usadas para designar símbolos de clima, como o sol. Atualmente, há mais de 200 ícones em uso no ambiente digital.

Os emojis têm raiz no desenho. O desenho, por sua vez, representa a primeira forma de comunicação escrita. Fuentes (2006) diz que o desenho, no sentido de representação, é uma atividade de grupos evoluídos, percebida desde os primórdios, que não se conhece no resto das manifestações da natureza, com exceção de algumas espécies de primatas.

Para o homem, desenhar (representar) é uma atividade tão primária e tão vital como o são as necessidades mais básicas. Acompanha sua tentativa de comunicação desde as sociedades mais antigas. A utilização de sinais, imagens figurativas e combinação de ambos

antecede, pelo menos para as culturas ocidentais, as sistematizações em forma de alfabeto, que podemos considerar o auge da designação simbólica. Em uma rápida visão cronológica, suas simbologias e sua intenção de transmitir conceitos, a unicidade e a imobilidade próprias de suas características técnicas o fazem transmissor de sinais (FUENTES, 2006, p. 79).

Derdik (1990) observa que o homem sempre deixou registros gráficos, índices de sua existência e comunicados destinados à posteridade. “O desenho sempre esteve presente, desde que o homem inventou o homem. Atravessou as fronteiras espaciais e temporais e, por ser tão simples, teimosamente acompanha nossa aventura na Terra” (DERDYK, 1990, p. 10).

Junqueira Filho (2005) diz que, ao desenhar, os humanos puderam, pela primeira vez, dizer algo de si.

Foram os seres humanos que inventaram o desenho e, ao fazê-lo, puderam dizer algo de si por meio de imagens, puderam se ver representados graficamente em aspectos de sua humanidade; deixaram-se em marcas que contribuíram para a produção de sua humanidade, de sua história; que contribuíram para a demarcação, comunicação e significação de sua passagem pela vida, pelo planeta Terra, pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2005, p. 54).

Ao longo da história, os desenhos foram usados para vários tipos de comunicação. Durante a Primeira Guerra (1914-1919), por exemplo, desenhos foram empregados na criação de ícones bélicos. Esses ícones foram usados para tornar claros os mapas de guerra, criando um complexo sistema de signos para organizar e identificar as tropas aliadas, os grupos inimigos e a localização das bases de suprimentos. Também foi necessário no conjunto de símbolos para distinguir hierarquias.

Hollis (2001) acrescenta que os signos e símbolos para a identificação de posto e unidade militares eram um código de status imediatamente compreendido. “A insígnia regimental, com seu emblema heráldico e seu mote, tinha em comum com os pôsteres modernos o mesmo design econômico e as imagens e os slogans enxutos e fortes” (HOLLIS, 2001, p. 20).

No âmbito dos ícones, os desenhos também podem funcionar como recurso didático em larga escala. Um exemplo disso é a chamada metáfora instrumental. Foi utilizada em escala mundial, em 1984, com o lançamento do McIntosh, para aproximar

peças comuns da até então complicada linguagem de computador. Esta metáfora adotou ícones de escritório, como pasta, lixeira e mesa de trabalho, para tornar a computação algo mais intuitivo, capaz de ser usada por sujeitos comuns, e não apenas por quem entendia de programação. Tornou-se referência porque há uma “inadequação das palavras em transmitir informação visual” (MCLUHAN, 2007, p. 182).

Os desenhos podem ajudar no processo de alfabetização. Na infância, para citar uma fase muito onde oralidade e escrita não estão evoluídas, os desenhos representam uma forma particular de comunicação. Eles fornecem pistas a educadores, psicólogos e outros profissionais para tentar entender as alegrias e as angústias da criança.

Lowenfel e Brittain (1997, p. 448) apontam quatro estágios do desenho infantil: garatuja, pré-esquemático, esquemático e realismo. No primeiro há rabiscos desordenados. No segundo verifica-se as primeiras tentativas de representação do real (nessa fase, a criança comunica-se através das imagens dos seus desenhos, embora as figuras ou objetos apareçam, ainda, de forma desordenada, podendo haver variações consideráveis nos seus tamanhos). No terceiro avança-se às formas. No quarto existe simbolização nos desenhos. “Nessa etapa observa-se a consciência do autor de si e do seu ambiente natural” (LOWENFEL; BRITAIN, 1977, p. 448).

Os desenhos também podem ajudar no tratamento de doenças. No caso da afasia, perturbação de ordem neurológica que atinge a linguagem oral e escrita, os desenhos ajudam nas formas usuais de terapia. Ao estudar a questão, Cardoso, Bisso e Braga (2012) concluíram que “a interpretação do desenho ou das hipóteses de escrita estabelecidas pelos sujeitos afásicos pode beneficiar a comunicação entre eles e os terapeutas ou pesquisadores”, porque “pode facilitar situações interlocutivas e dialógicas, assim como pode favorecer o estabelecimento de relações com a oralidade”.

A representação da linguagem verbal escrita através do desenho demonstra ser uma etapa em que o sujeito afásico está (re)significando a sua linguagem, inicialmente no nível de grafismo pré-esquemático, de forma a exprimir o seu discurso (CARDOSO, BISSO, BRAGA, 2012, p. 43).

No plano geral, os desenhos se inscrevem na ordem dos signos. Em abordagem clássica, signo é “algo que, para alguém, equivale a alguma coisa, sob um aspecto ou

capacidade” (PEIRCE, 1980, p. 10). Significa que ideias implicam um objeto para interpretação, um interprete do objeto e a interpretação propriamente dita.

Para este autor, os signos podem ser divididos em três espécies principais: ícones, índices e símbolos. O ícone é um tipo de signo em que significado e significante apresentam uma semelhança de fato (exemplo: desenho de um animal; o desenho significa o animal simplesmente porque se parece com ele). O índice é um signo que não se assemelha ao objeto significado, mas o indica casualmente (exemplos: um furo de bala é o índice de um tiro; a fumaça é um índice do fogo). O símbolo depende da adoção de uma regra de uso (exemplo: as bandeiras constituem símbolos das nações; entre as bandeiras e as nações não há qualquer relação causal necessária, trata-se apenas de convenção).

Considerações finais

Criados nos anos 1990 para expressar um número muito limitado de sentimentos, os emojis se multiplicaram, se popularizaram e se converteram em uma espécie de nova forma de comunicação.

Entre outros motivos, isso se deve (1) ao desenvolvimento da comunicação móvel (no Brasil, há mais celulares que habitantes, segundo o IBGE), (2) à nova forma de comunicação (as tradicionais chamadas de voz vêm sendo substituídas por mensagens de texto), (3) à escassez de tempo provocada pelo capitalismo contemporâneo (gasta-se menos tempo para se comunicar e mais tempo para trabalhar), (4) à conexão em tempo integral (amplia o número de contatos e conversas; as conversas devem ser agilizadas), (5) ao convite permanente para opinar (típico das redes sociais, que reivindicam a opinião do internauta a todo tempo; nesses casos, imprimir uma carinha de aprovação ou desaprovação é mais rápido que escrever) e (6) ao que poderíamos chamar de modismo digital (usar emojis converteu-se em moda).

O uso dos emojis também se deve à habilidade humana para se comunicar através de desenhos. Trata-se de uma característica duradoura da humanidade. Como visto no texto, a comunicação por meio de desenhos é uma competência que antecede à chegada das primeiras espécies humanas na Terra.

Considerando nosso processo histórico, os emojis parecem se encaixar nos esquemas simbólicos pelos quais lemos e pensamos o mundo. Nosso processo de leitura do mundo, como visto com Fuentes (2006) e Peirce (1980), se vale de desenhos, ícones e símbolos para codificar imagens em ideias e cristalizar o pensamento.

No âmbito da comunicação humana, os emojis se encaixam em definições clássicas de comunicação. Destaca-se dois, a títulos de exemplo: “transmissão de informação, ideias, atitudes ou emoção de uma pessoa ou um grupo a outro primariamente através de símbolos” (THEODORSON & THEODORSON, 1969); “transmissão de informações, ideias e emoções por meio do uso de símbolos, como palavras, imagens, figuras, gráficos” (BERELSON; STEINER, 1964).

Amados ou odiados, os emojis parecem unir a habilidade humana para se comunicar por meio de desenhos (como visto com as pinturas rupestres encontradas na Espanha) com o ambiente tecnológico contemporâneo (onde se dá boa parte da comunicação humana). Disso resulta o que poderíamos chamar de uma nova-velha forma de comunicação.

Referências

- BORDONAVE, Juan Diaz. **Além dos meios e mensagens**. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1983
- BOTTÉRO, Jean. **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Ática, 1995
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006
- CARDOSO, Maria Cristina de Almeida. BISSO, Marlise. BRAGA, Adrian Conci. **O uso do desenho como comunicação nas afasias**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 47, 2012
- DEFLEUR, Melvin. BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de massa**. tradução de Otávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993
- DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990
- FABRE, Maurice. **História da comunicação**. (S.L.), 1963
- FILHO, Clézio Fonseca. **História da Comunicação: o caminho do pensamento e da tecnologia**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007

- FUENTES, Rodolfo. **La práctica del diseño gráfico.** una metodología creativa. Barcelona: Paidós, 2005
- HEALEY, John. O primeiro alfabeto. *In:* HOOKER, J. **Lendo o Passado:** do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga. São Paulo: Melhoramentos, 1996
- HOLLIS, Richard. **Design gráfico:** uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras:** seleção e articulação de conteúdos em educação infantil. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- LAIGNIER, Pablo. **Primórdios:** da comunicação oral ao advento da escrita. *In:* *História da Comunicação.* Rio de Janeiro: E-pappers, 2009. p.9-27
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Editora Cultrix, 2007
- MCQUAIL, Denis; WINDAHL, Sven. **Modelos para el estudio de la comunicación colectiva.** 3. ed. Pamplona: Universidade de Navarra, 1997
- MELO, José Marques. **História do pensamento comunicacional.** São Paulo: Paulus, 2003
- MORRISON, Ken. **Cultura, pensamento e escrita.** São Paulo: Ática, 1990
- NETTO, Samuel Pfromm. **Comunicação de massa:** natureza, modelos, imagens. São Paulo: USP, 1972
- PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos.** tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomeranblum; 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980
- POMBO, Olga. **Epistemologia da Interdisciplinaridade.** Conferência proferida no Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade, promovida pela Cátedra Humanismo Latino, Porto, 2007
- SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2004
- WALKER, C.B.F. O Cuneiforme. *In:* HOOKER, J. **Lendo o Passado:** do cuneiforme ao alfabeto: a história da escrita antiga. São Paulo: Melhoramentos, 1996
- WRIGHT, Charles. **Comunicação de massa:** uma perspectiva sociológica. Tradução de Mary Akier. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1968